

Vitorino Nemésio (o homem e a ilha)

António M. B. Machado Pires

Resumo. Este artigo é uma visão de conjunto, com base nas vivências do homem ilhéu que atravessa o século XX numa experiência de vida muito rica, verdadeiro documento da cultura do seu tempo. Uma espécie do “essencial” do Homem-ilha-mundo-literatura.

Vitorino Nemésio é um dos maiores escritores portugueses do século XX, cuja escrita inclui o romance, a novela, o conto, a crónica, o ensaio, a investigação histórica e uma vasta produção poética (cerca de 60 anos de poesia!). Da sua ilha natal (Terceira, Açores) guardou imagens e recordações que alimentaram a criação literária como um húmus e como uma “idade de ouro” (infância e adolescência). Com essa experiência acabou por definir o que chamou a *açorianidade* (1932), que liga também ao poeta simbolista Roberto de Mesquita (que estudou). Ambos são os pilares de uma literatura de significação açoriana.

Professor universitário (Faculdade de Letras de Lisboa, décadas de 40, 50 e ainda princípio de 70) Nemésio viveu bem o seu tempo: o das duas guerras, o da Rádio e da Televisão (teve um programa chamado *Se bem me lembro*, muito inovador para a época—1969-74).

Se o canal das Ilhas (Pico, Faial, S. Jorge) se imortalizou nesse romance de conflitos sociais e amores desencontrados (com alguma raiz autobiográfica) que é *Mau Tempo no Canal*, *Tempo*, *Deus* e a *Ilha* são as grandes linhas da poesia nemesiana.

Multilingue (escreveu poesia também em francês, em castelhano, em português do Brasil), Nemésio cultivou a poesia popular (*Festa Redonda*), na qual se considera, mesmo sob a ironia da linguagem popular, muito retratado autobiograficamente.

Corsário das Ilhas (1956), parte de uma série de crónicas a que chamou “Jornal de Vitorino Nemésio,” é um livro de viagens, crónicas diversas em modo de diário, que se torna indispensável para conhecer as terras insulares (em especial a sua ilha, a Terceira) e o homem Nemésio, poeta da infância, do mar, do tempo, de Deus procurado num caminho de quedas e arrependimentos, poeta que também escreveu crónicas e romances—talvez, como ele preferia, *poeta acima de tudo*.

Este grande escritor de língua portuguesa nascido nos Açores pode e deve ser considerado uma das maiores e mais representativas figuras da Cultura e da Literatura Portuguesas do Século XX, pois foi poeta, contista, romancista, cronista (a sua crónica de viagem é muito relevante), ensaísta, colaborador assíduo de jornais, comunicador na Rádio e na Televisão, professor universitário (Universidade de Lisboa). Escreveu também em francês, em castelhano, na norma do português do Brasil (poesia) e frequentemente usou na sua escrita (na prosa e no verso) variantes linguísticas do português do Arquipélago dos Açores (especialmente da Ilha Terceira, ilha natal).

Nemésio nasceu na Praia da Vitória (Ilha Terceira, Açores) em 19 de Dezembro de 1901, ano em que o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia visitaram os Açores (era rara uma visita régia); era uma criança de sete anos quando mataram o rei, e o regicídio (Fevereiro de 1808), seguido da República em 1910, provocaram algumas reacções diversas na família (a Vila da Praia da Vitória estava, aliás, muito dividida entre monárquicos e republicanos). Fez a escola na Praia, o liceu em Angra e no Faial (por causa de algumas irregularidades escolares em Angra...). Mas a sua vida seria bastante cosmopolita e diversificada. Foi jornalista em Lisboa, estudante de Direito (e depois de Letras) em Coimbra e Lisboa, professor no estrangeiro, em Bruxelas e em Montpellier, no Brasil (de destacar o ensino na Universidade da Bahia), país que voltou a visitar em viagem ao Nordeste e ao Amazonas; fez uma curta visita ao Canadá (já no fim da vida), fez várias viagens de saudade às suas ilhas (1946 e 1955), depois outras à Terceira e a S. Miguel entre 1974 e 1977, tendo falecido vítima de cancro em 20 de Fevereiro de 1978 em Lisboa.

A sua vida é plenamente o percurso do séc. XX, exceptuando o último

quartel. Assistiu às duas grandes guerras mundiais, ao triunfo generalizado da Rádio e da Televisão (em ambas colaboraria com crónicas e um conhecido programa televisivo, a que chamou *Se Bem me lembro ...*); assistiu também ao triunfo da física nuclear, à divulgação do automóvel e do avião comercial (sem esquecer a Base americana das Lajes, na Terceira, que modernizou uma vasta planície agrícola e empregou muitos habitantes da ilha), deslumbrou-se com as modernas descobertas da Biologia e com os “mistérios” do DNA e do “código genético,” que canta nos seus “biopoemas” (no invulgar livro *Limite de Idade*, 1972), demonstrando uma grande curiosidade científica assumida liricamente, à qual não é alheio o tema fundamental da origem da vida sobre a terra. Como professor, filólogo e romanista, interessou-se por quase todas as épocas e autores. Vibrou com a Idade Média (Santa Isabel, D. Duarte), interessou-se pelo Liberalismo e pela Revolução Liberal (1820 e anos seguintes, nomeadamente o papel dos Açores), centrando a sua monumental tese de doutoramento sobre *A Mocidade de Herculano até à volta do Exílio*, 2 vols., (1834). Mas como professor e homem de letras, o seu interesse é muito abrangente: Gil Vicente, Garrett, Herculano (antes e depois do exílio), Bocage, Gomes Leal, Cesário Verde, Antero, Eugénio de Castro, Júlio Dantas, sem esquecer grandes impulsionadores da cultura nos Açores, como o Dr. José Bruno Carreiro (em S. Miguel) e o Dr. Luis Ribeiro (na Terceira, a quem dedica o seu livro de crónicas e saudade das ilhas, *Corsário das Ilhas*, 1956). Brasileiros como Lins do Rego, Guimarães Rosa e Cecília Meireles são importantes para ele, tendo com esta última, também de origem açoriana, mantido um relacionamento próximo.

Ler Nemésio é, de alguma forma, atravessar toda a Cultura Portuguesa, devido à abrangência da sua escrita. Quando se jubilou (1971) era professor titular de História da Cultura Portuguesa e de Literatura Brasileira na Universidade de Lisboa. A sua “Última Lição” é um documento notável, quer pelo carácter de auto-testemunho, quer pela feição memorialista documental de uma época que abrange dos anos 20 aos anos 70 do século XX. O homem Nemésio e muitos rumos intelectuais da época estão ali retratados. Determinantes foram para a sua formação alguns professores de Coimbra, como Paulo Merêa, Carolina Michaelis, Joaquim de Carvalho, bem como o relacionamento com Miguel de Unamuno e também com o magistério intelectual de Ortega y Gasset, o mesmo que diria que Nemésio era *um homem que transportava uma Ilha...*

De facto, em todo o seu percurso existencial e literário, e até académico, Nemésio nunca esqueceu a presença afectiva da sua Ilha natal, pedra de toque

e “medida de todas as coisas,” fonte de constantes alusões, analogias, comparações, correspondências históricas, estéticas e civilizacionais quando passava por terras diferentes.

A infância e a adolescência de Nemésio decorreram no meio de uma natureza que, na sua mais profunda peculiaridade, só os ilhéus açorianos, ou aqueles que conhecem bem as ilhas açorianas, podem compreender, talvez por força daquilo a que poderei chamar *impregnação*. Antes de sermos escritores, artistas—ou o que quer que seja—somos seres biológicos, que abrem os olhos ao mundo de acordo com as regras da vida. E uma delas, das mais importantes, é o olhar da *terra mater*, esse cordão umbilical do espírito que depois se torna um eixo do cosmos. Depois do *jus sanguinis*, vem o *jus solis*, constituindo uma fundamentação e como que as coordenadas cívicas do indivíduo. Mas afinal não são só cívicas: o homem carrega-as toda a vida, não como fardo mas como condição e destino interior. Nemésio chamou-lhe *açorianidade*. Considerou-se “um açoriano de treze gerações,” carga biológica e histórica, mas amarrou-se afectivamente a “uns montes de lava,” à “pedra torrada, transtorno do mundo,” que lhe serviram de referência longe ou perto da porta. Essa impregnação vinha-lhe de uma ilha com vários matizes de verde, com nuvens de nácar, com caminhos de hortênsias, nevoeiros, “primaveras embuçadas,” alvoradas no pasto, pêlo de gado lavrado enquadrando as ordenhas frequentes; mas também vinha de pequenas incursões na ampla baía, em pequenos barcos de pesca que cortavam as águas e já lhe provocam um fascínio que se havia de definir melhor no mar alto, no mar encapelado (conforme confessará). A Praia, a casa das Tias, o Porto Martins, a Angra do liceu e aquele fecundo ano na Horta deram-lhe substantivamente matéria para, mesmo estando longe no espaço e no tempo, estar perto pelo coração e pela arte da combinatória verbal em que era mestre, como romanista e filólogo de formação.

A publicação em 1916, nos seus quinze anos de idade, do *Canto Matinal*, vem apontar ao jovem aluno do liceu de Angra do Heroísmo um caminho de poeta que jamais abandonará: “Poeta! Poeta!”—exclamará nos seus versos, na última lição (1971) e no seu programa televisivo “Se bem me lembro.”

Canto Matinal tem ressonâncias de Antero de Quental e de Guerra Junqueiro: do Antero romântico mais do que do Antero filósofo e do Junqueiro cuja prosódia impressionava o ouvido de Nemésio. Mas a atmosfera por vezes dolente do *Canto Matinal* (matinal só pela idade do autor e um conselho do seu professor Ferreira Deusdado) lembra a poesia de Roberto de Mesquita, carregada de “dolências” insulares do “acordar bilioso das perspectivas.”

Nemésio haveria de descobri-lo e estudá-lo mais tarde, em 1939, em artigo que revela simultaneamente Nemésio e Mesquita.¹ Ambos—pensamos nós—pilares de uma literatura de significação açoriana, por vivência autêntica da insularidade e não por reivindicação de temática regionalista. Sendo a “impregnação vivencial” o factor principal da visão da *açorianidade*, Nemésio podia mesmo reivindicar para os seus livros a fala, os comportamentos e os traços tipológicos de uma idiosincrasia açoriana—fazendo personagens falar com sotaque e o léxico adequados, quase ao “ponto de saturação,” nos termos do que Martins Garcia chama a “tentação foneticista,” que o leitor não prevenido tem muita dificuldade em entender. (Vitorino Nemésio, *À Luz do Verbo*, 1988)

Mas o mundo insular de Nemésio é uma *totalidade*, uma compensação constante, um paralelo sensorial e intelectual, uma “medida de todas as coisas” transportada na bagagem erudita. Uma medida capaz de aferir o que vê no Brasil ou na Europa, capaz também de compreender melhor Herculano à luz da humanidade da família e da ilha, capaz ainda de intuir, para além do sentimento de saudade, a “história de Portugal do seu cantinho” (dedicatória da tese *A Mocidade de Herculano*, 1934). É um homem que transporta uma ilha—isto é, a ilha medida de todas as coisas. Mas também uma ilha que é *pars pro toto*, sinédoque do *todo* da vida insular ou da *condição* insular.

Assim, essa impregnação, essa experiência, essa condição atravessam e estruturam toda a sua obra, a poesia, a prosa de ficção, as crónicas (género que revolucionou pelo diverso e múltiplo cruzamento de registos) e o ensaio histórico que, não raro, se debruça sobre matéria insular, mormente as questões de tipologia, de literatura e do Liberalismo nas ilhas.

É à poesia que cabe um papel fundamental na configuração do “homem e a sua ilha,” isto é, da relação apelativa sentimental mas cerebralizada numa linguagem trabalhada engenhosamente pelo filólogo, que soube que a poesia pós-pessoana é “fingimento,” mas é também um *ludus* cruzado de palavras, efeitos fono-semânticos, restituições de sentido etimológico, alusões, impulsos de emotivo saudoso que porém a linguagem “fecha” em versos crípticos.

Curiosamente, em França conceberá um livro que, posterior à 1ª versão de poemas como “O Paço de Milhafre” (1924), assinala a sua saudade da ilha em versos em língua francesa. Trata-se de *La Voyelle Promise* (1935), marcado pelo universo insular. Dedicado a três açorianos—Luís Ribeiro, Cortes Rodrigues e Maduro Dias—o poema “La

Nuit dans le port” evoca uma vigília no porto de partida e lembra a luz inolvidável das suas ilhas,

. . . lumière açoréene,
Toujours doublée d'ombre, et pénombre, et d'outré compositions
à plusieurs dosages,
lumière qui est encore dans mes prunelles vagabondes...

Este poema, “La nuit dans le port,” confronta, de resto, com a iniciática experiência de partida da ilha, a vigília que envolve a partida do navio *San Miguel* no final de *Mau Tempo no Canal*, quando o estudante João Pragana mostra a Margarida os seus versos, versão portuguesa da *nuit dans le port* (“Também eu! também eu velo a noite no porto / Tão azul, apesar da escuridão perfeita...”). Isto quer dizer que Nemésio pôs na pena do estudante terceirense, e agora em língua portuguesa, o sentimento de saudade e de recordação da luz e cores da sua terra que ele próprio experimentara quando isolado em França, e a que dera expressão em língua francesa em *La Voyelle Promise*.

Mas outro poema com título francês, “La Cathédrale Engloutie” (1936), dos tempos da colaboração na revista *Presença*, aproveita a sugestão da peça impressionista de Debussy para imaginar lírico-miticamente a descida aos fundos de mar ilhéus.

. . . Entre navios e os corais do fundo
A ilha esconde aos homens outro mundo
Onde há lágrimas, grutas, universos...

O soneto termina com uma bela sinestesia: “A verde voz dos sinos lá submersos.” Referências insulares tão frequentes, mas também frequente a figura da alusão, o peso das sugestões culturais que nunca o abandonam. Neste caso, os sons “submersos” do piano do poema musical do Debussy, sugerindo as badaladas ressoando dos fundos marítimos.

Mas “as algas, corais e estranhas maravilhas” dos mares vêm também marcar o soneto “O Paço do Milhafre” (1ª versão, 1924, inserido n’ *O Bicho Harmonioso*, 1938), soneto belíssimo onde a insularidade se exprime em descrições feéricas e quase tropicais, para acabar numa charadística alusão às lágrimas do poeta longe da sua ilha...

...Os vagalhões da noite me salvaram,
E, com partes iguais de sal e mágoa,
Minhas altas janelas se lavavam.²

Este paço—etimologicamente, este *palácio* imaginário do milhafre, animal simbólico e emblemático açoriano, atravessa poesia e prosa nemesianas, com uma carga enraizada na infância da sua Praia, uma espécie de fonte genética da temática do autor.

Mas desses elementos marinhos sobressai um que lhe pode dar a sugestão para um belo soneto, “A concha” (*O Bicho Harmonioso*). *A sua casa é concha*, isto é, nela se fecha mas a ela pertence, como o caracol que habita a casa que transporta; porém esta é uma concha, cuja ressonância é marítima e íntima, *a sua história*, despojado de tudo menos da memória:

. . . A minha casa . . . Mas é outra a história:
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,
Sentado numa pedra de memória.

É esta memória que atravessa todos os livros de poesia de Nemésio, conferindo valor especial ao tempo, cujo peso lhe traz uma consciência cristã da vida como viagem e como provação. É no poema “O canário de Oiro,” que considera axial na sua poesia, que nos surge a preocupação com tudo o que o tempo já lhe levou. Ainda que não muito distanciado, pela idade, da sua infância e adolescência, Nemésio já experimenta saudades do “tempo perdido,” agravadas com a sua ausência da ilha, os parentes já falecidos, o pai, em especial, que tão forte influência teve sobre ele. E, de facto, o tempo marca-lhe a vida significativamente, conforme estes versos de “O Canário de Oiro”:

Tempo que levas meu Pai morto . . .
O tempo gasta a minha voz como se fosse o seu pão.
É ele, é ele o que tem tudo escondido!
. . .
Ele o que fez de mim o menino perdido
E me deu a navalha com que me fiz violento.
. . .

Tempo, ladrão, dá-me conta do fardo:
As saudades práli! As promessas práli!

...

Tempo, molde de todos os lugares,
Pêgada de quem desaparece,
Esquema de bocejos e de esgares,
Frio de tudo o que arrefece.

Tempo, Deus e a Ilha—eis três grandes linhas da poesia nemesiana, abrangendo o universo insular. O tempo é caminho que devora, mas que conduz, como no pensamento de Santo Agostinho, às portas de Deus, Aquele cuja mão “desenha a verdade no escuro”; a Ilha é a “Ilha ao longe,” farol e porto de idas e vindas ideais, poéticas, verbais, lúdicas. No caminho dessa “Ilha Perdida” (como lhe chama Martins Garcia), nos vagalhões ou nas vagas verdes, estão o regresso ideado ou as viagens reais entretanto realizadas, os “cursos,” está ainda “o ovo bicado e quente,” deixado a boiar no meio do mar, esse elemento genético, símbolo de fertilidade e concentração de vivências, que visita a poesia e também se esconde na Rocha da Serreta, na presença imaginária e sob o olhar atento de M. Queimado (em “Le Mythe de M. Queimado,” 1940). Por esses anos tanto Mateus Queimado como o tal ovo, concentrado de vida e de recordações, andam-no pungindo e ditando versos e histórias passadas no seu universo insular. A tal ponto é importante, o tal ovo, “ovo de tanta coisa o coração,” diz o poeta, que o invoca no fim da vida, nos anos do *Limite de Idade*, “que é dele, o ovo?” Sim, onde está essa força que ainda assim crepuscularmente o habita nos anos 70, com o radioso oiro de uma remoçada criação poética? Mas, voltando ainda ao *mezzo del camin*, o Nemésio da maturidade soube fazer esse belíssimo poema “Versos a uma cabrinha que eu tive,” mais um bicho harmonioso lembrado da Infância (talvez da mítica “Terra do Perrexil,” os vizinhos Ilhéus das Cabras...): e nesse poema magistralmente fechar com “a ave e o ovo”—“grande segredo equilibrado...”

Do “segredo” e do “ovo bicado e quente,” fermentos de gênese poética, partem caminhos de exploração verbal e imagética. As algas, os corais, a *cucumaria abyssorum* (esta do fundo do mar de *Mau Tempo no Canal*) são elementos meio reais, meio sonhados, numa transfiguração do real que ao poeta permite voltar ao seu universo insular. *Transfigurar* em Nemésio, poeta surrealista sem surrealismo (como tem sido dito), é baralhar as referências

objectivas da realidade, de modo a que elas se misturem com o sonho, a dor, o sentimento de desterro, ganhando porém uma atmosfera de maravilhoso, de mitologia pessoal, de feérico quase.

Ah! Ovo que deixei, bicado e quente,
 Vazio de mim, no mar,
 E que ainda hoje deve boiar—ardente
 Ilha!
 E que ainda hoje deve lá estar!³

Ilha: isoladamente, constituindo um verso, com ponto de exclamação. Decerto esta disposição gráfica é muito intencional, “isolando” a sua ilha, que deve lá estar como fermento poético *in absentia*. É a “ilha ao longe,” a “pedra torrada, transtorno do mundo,” que visiona anos mais tarde e insere n’ *O Verbo e a Morte* (1959). Essa ilha surge indefinida no horizonte e manifesta-se fenomenologicamente pelo “fôlego, o pão, a vaca, a fonte.” O fôlego—o *animus* colectivo da Ilha, que o poeta captaria para sempre? A “ilha ao longe” que voltará ainda a propósito da “manhã fosforilada” da origem da vida?⁴ O Arquipélago—conjunto de ilhas em mar alto—ficava-lhe para trás, no tempo e no espaço, a Ocidente. Caso para ter dito que “ench[eu] de Oeste a [sua] vida,” em busca das aves das praias, dos juncaís, onde, num punhado de pó, jaz também um ovo...⁵

Alguns livros têm títulos enigmáticos: *Eu, Comovido a Oeste*—o Oeste é obviamente o Oeste do mar atlântico, a oeste dele, no Continente...; *Nem toda a noite a Vida*—vida e noite têm aqui uma alternância de sentido penitencial introspectivo. Notar como se refere aos livros desta fase:

três volumes de versos que estão cheios de mim, e portanto do mar e dos Açores: *La Voyelle Promise*, *O Bicho Harmonioso* e *Eu, comovido a Oeste*. Este título, aparentemente esquisito, não quer dizer outra coisa: que a minha posição natural é como a de uma agulha que tivesse trocado o Norte pelo dos pilotos da Insulana: ‘Segue para as Ilhas de Oeste, em lastro, o hiate Santo Amaro’—Dizia o jornal da minha terra... Eu, também, até à data de hoje, nunca deixei de seguir. (Espólio, E 11, cx. 58)

Mas é em *Festa Redonda, Décimas e Cantigas de Terreiro, Oferecidas ao Povo da Ilha Terceira por Vitorino Nemésio, natural da dita Ilha* (Lisboa: Bertrand,

1950), que Nemésio, com 49 anos de idade, evoca um mundo de referências de linguagens, de cultos, de costumes, de recordações familiares de infância e de adolescência. *Festa Redonda*—confessa mesmo em dactiloescrito contido no espólio (E 11, cx. 58)—“é o meu livro mais fundamente autobiográfico. Lá meti infância e adolescência—e é para mim como ouvir o mar num búzio.” Parecendo um livro menor de um poeta sério, é, no entanto, um exemplo de pujança e de variedade de metros e temas, mostrando como captou o ritmo e o ouvido dos poetas populares de improviso e como sabe extrair da poesia popular o seu peso sentencioso, aforístico, evocativo, por vezes quase lapidar.

A transformação da planície do Ramo Grande na Base das Lajes, fonte de espanto e de empregos para a gente rural, fica assinalada numa quadra magistral, em que a ironia subjacente se combina com a capacidade de notar os fenômenos sociológicos:

A moda de gasolina
 Seco o trigo do chão;
 Fez das Lajes um terreiro,
 Oh que dôr de coração!

As cantigas são à cidade de Angra, à Praia, aos montes, às Lajes, ao tio padre Luis Gomes, mas também à comovente história familiar da criada Genuína Baganha que “se miteu no carro de fogo” e foi de Bastão [Boston] para a Califórnia, onde tantos ilhéus têm familiares emigrados. Nesse retiro forçado em casa do primo Hígino de Menezes (onde Nemésio recuperava de um problema de saúde, conforme me contou), a imaginação, alimentada pela memória do mundo da infância e adolescência, permitiu-lhe uma notável reconstituição do universo insular.

Festa Redonda—uma espécie de antevisão do *Corsário*, mas em verso e em brincadeiras verbais da poesia popular... Os cantadores populares, improvisadores notáveis, eram para Nemésio uma espécie de jograis do nosso tempo, aliás, continuadores dessa memória popular medieval, que haveriam de passar ao Brasil, aos aedos sertanejos de sacola e violão que se vêem nos romances de Lins do Rego do ciclo do cangaço.

O *Corsário das Ilhas*, “Jornal de V. N.” por excelência, bem datado e circunstanciado, resultado de duas viagens aos Açores (1946 e 1955), esse sim, é também um livro muito especialmente acarinhado pelo seu autor, que cruza divulgação dos Açores com evocações pessoais, espécie de diário de viagem, ensaio

e confissão pessoal perante o leitor. Essas crónicas de viagem não obedecem às leis do género, se estritamente as há... Constantemente vêm as alusões do homem muito culto e viajado, o conhecimento da história e da geografia insulares, a lembrança de pessoas e factos curiosos ou quase anedóticos (“Agarra, é ilhéu”), com frases carregadas de afectividade, mas também de sentido aforístico ou emblemáticas em relação à vida dos Açores. Tão fortemente se emociona com o reencontro de Angra ou com a vista dos ilhéus das Cabras (a mítica “Terra do Perrexil” da infância...) que poderemos reconhecer uma profunda carga lírica num texto cronístico. *Corsário* é uma “peregrinação sentimental e recôndita,” fruto de crónicas do *Diário Popular* recuperadas para o seu novo livro do *Jornal de Vitorino Nemésio*, até com narrativas inseridas em nome do seu alter-ego Mateus Queimado, tão profundamente ele, apesar do disfarce e do estratagemas narrativo. E carregado de simbolismo ilhéu—o queimado, o milhafre, a ave emblemática do Arquipélago, que ele escolheu para nome do seu duplo narrativo. Nesta simbólica reforçada se integram Mateus Queimado e os Paços do Milhafre—*milhafre* e *queimado*, símbolos do seu universo insular e termos chave da sua obra.

Essas viagens ou “cursos” (percurso de “exterior” e de “interior”) abalaram-no rofundamente, “filho pródigo” em processo de regresso à fé, conventualmente recolhido à casa das primas Menezes, ao lado da Sé... Esse mergulhar no passado, com essa aura de paz e religiosidade que as primas lhe proporcionavam, trazia-lhe de volta a impregnação desse tal universo insular de que temos vindo a falar. Era uma busca de um “tempo perdido,” feito de experiências da “idade de ouro,” mas substancialmente alimentado por um magma afectivo que em Nemésio era muito intenso, ainda que sob controlo do intelectual, do erudito, do homem de Letras que faz a sua carreira num mundo distante da sua ilha... Note-se que, antes do primeiro “curso” (1946), já publicara o seu opus magnum de ficção, o *Mau Tempo no Canal*, experiência importante e recente, um romance verdadeiramente das ilhas, como o considera, e do qual parece ter “saudades”; ao longo do discurso do *Corsário* (como pensa Martins Garcia). *Mau Tempo no Canal* é um grosso romance onde convergem a luz, as nuvens, o cheiro a ressalga, o mormaço ou “ázorean torpor,” a majestosa imagem do Pico, palco de todo o ano, o seu canal de ciclones e baleias, a decadência e conflitos de interesses de famílias e classes sociais, um mundo de açorianidade concreta, carregada colectivamente, mas também de açorianidade dele, isto é, a expressão sensível e as intuições ditadas pela força das suas recordações, a intensidade dessa impregnação de infância e adolescência.

Mas esse romance transporta também a imortalidade e a universalidade dos amores contrariados e secretos, as forças profundas do eu e das paixões, dos amores e dos ódios, dos despeites e das grandes e sublimes “acomodações...” Um Romeu e Julieta num canal de suspeições mesquinhas e de grandes senhores falidos, uma Horta-Praia sobrepostas pelo engenho ficcional de Nemésio, alimentado pelas recordações de tenra idade e pela sua própria experiência sentimental, na qual pesam sentimentos do coração, de Deus e da terra, subtilmente amalgamados. Embora parte menor no espaço narrativo, a Terceira está idiossincraticamente marcada pela Tourada, mas sentimentalmente, simbolicamente assinalada pela partida do porto de Angra à noite, no final do romance—a partida para fora do Arquipélago, que tantos dos seus conterrâneos tiveram durante tantas gerações, uma partida iniciática para o grande combate da vida, a busca da “terra” ou do curso ou do emprego “da promessa,” a grande partida, da qual alguns, como o próprio Nemésio, não voltariam definitivamente...

Mau Tempo no Canal é um grande livro, não tanto pelas extensas descrições e pormenorizações e parentescos, longos discursos directos quase dialectais, mas principalmente pela convergência de tudo isso: pessoas, coisas, natureza, clima, luz, cor, tensão dramática e desfecho. Nemésio não sofreu da síndrome queirosiana do afastamento em New Castle, a fazer o esforço de memória para evocar Leiria e o Padre Amaro. O realismo de Nemésio é telúrico-existencial, vivido, imposto de dentro para fora! O mundo do canal vem à pena com a natural fluência imperativa de quem tem uma preocupação, um sentimento que gera um processo de compensação pela escrita, como diz, a propósito do *Corsário*, a “natural preocupação por essas ilhas,” a qual “por vários modos nele tende a resolver-se por escrito.” Confissão que abrange, afinal, o *Jornal de V. N.*, mas também a sua obra ficcional, no que ela tem de evocação do universo insular.

Maria Lúcia Lepecki indicou três níveis de leitura no romance *Mau Tempo no Canal*: o “macrocontexto insulano” ou a realidade sociocultural dos Açores; um “microcontexto” do conflito entre as duas facções, os Clarks e os Garcias; a problemática pessoal de Margarida, base de todo o romance.⁶ Acrescenta ainda a visão de duas dimensões, uma “horizontal” (do espaço e realidade açorianas), outra “vertical,” do profundo conflito amoroso Margarida/João Garcia. Esta proposta de leitura poderia sugerir outra, nossa, em termos do que chamaríamos três estratos: um estrato telúrico, isto é, o lado respeitante à natureza e como ele condiciona e impregna as personagens,

um “determinismo” *sui generis*; um estrato social, isto é, os conflitos sociais da Horta, do Pico e de S. Jorge (considerando-se que há uma aristocracia, uma burguesia e um povo humilde); um estrato psicológico, dizendo respeito aos conflitos das personagens, mormente o drama amoroso Margarida/João Garcia, mas também todo o mundo dos pais de ambos, Henriqueta e os seus ressentimentos. É um mundo de amores e ódios, de conflitos potenciais intuídos na infância e adolescência, alimentado pela sua própria “história” pessoal, pelos seres humanos que conheceu.

Mas a História das Ilhas, incluídos os seus mitos de achamento (a suposta ilha de Fernão Dulmo) lá está também: as erupções, Frutuoso, o Padre António Cordeiro, a indústria baleeira, o flagelo da peste, os autonomistas, o povo anónimo, os pescadores e a sua linguagem sentenciosa. Um romance longamente pensado, nascido em Bruxelas (17 de Janeiro de 1938) e acabado em Lisboa (21 de Fevereiro de 1944), “voltado à relação forçosa que possa haver entre umas ilhas onde me criei e as coisas que penso e escrevo: Em Bruxelas, a cujo ambiente ... tanto devo, concebi e gizei um romance de ambiente ilhéu... Parece-me que fiz realmente um romance das ilhas—a nossa gente, a nossa lava, o nosso mar.”⁷

Não podemos esquecer que Nemésio dera-nos antes *O Paço do Milhafre* (1924, saudado por Afonso Lopes Vieira), *Varanda de Pilatos* (1927), o mundo da sua adolescência na Terceira, e as novelas *A Casa Fechada* (1937). O seu anti-herói Renato de Sousa Ormonde leva-nos ao universo social e psicológico da Praia, e ligada à emigração para o Brasil.

O universo insular de Nemésio está povoado de seres observados, não só com os olhos realistas do escritor analista, mas sim principalmente com os olhos do coração, isto é, com um desejo de valorizar, difundir, encarecer, recordar-se ele próprio—sem prejuízo da lucidez da análise. A insularidade é experiência e riqueza humana: como tal deve ser visto o comportamento do Ti Amaro, trancador de baleias até aos mares do “Ariôche” (Arctic Ocean), o Matesinho de S. Mateus e as suas quatro prisões, que não impedem o seu regresso de Ulisses. Experiência, luta pela vida, vida de subsistência conformada e até feliz, mas duma escola, a do ilhéu: Pena-se muito nesses mares, mas aprende-se mais do que numa escola! diz o Ti Amaro. Experiência, temperando e singularizando o ilhéu. Por isso, também, na sua obra encontramos a contrapartida teórica, a busca idiossincrática, “O Açoriano e os Açores” (conferência de 1928, public. em 1932), “Açorianidade” (*Insula* 7-8, 1932).

Decalcado sobre *hispanidad*, de Miguel de Unamuno, que conheceu e com quem se cartou, o termo *açorianidade* haveria de conhecer enorme difusão, sobretudo depois da Autonomia do Arquipélago, a partir de 1976. Mas *açorianidade* é o sentimento dele (“que o desterro afina e exacerba,” diz!), e só depois se foi transformando num conceito identitário, em que, também devido às reflexões de Luis Ribeiro, se tornou. Açorianidade: condição de ser insular dos Açores, alma que se transporta, sobretudo quando fora dos Açores e a eles nos chama; uma carga afectiva desenvolvida meio milénio nuns montes de lava e num Arquipélago onde “a Geografia vale outrotanto como a História,” isto é, segundo esta feliz afirmação de Nemésio, se está tão condicionado ou tão dependente da diversidade e das contingências do clima e do isolamento, onde “ser ilhéu é ser embarcação,” lição válida para o local e lição para interpretar a vida, ela também uma viagem, uma rota, uma diversidade. Ilhas onde “a lusitanidade quatrocentista” sofreu uma forte modelização, em virtude do clima e da História. Da História, que enche muitas páginas da erudição nemesiana, desde as transformações operadas na Terceira com a vinda das ideias dos exilados *maçons*, em 1816, até às notáveis peripécias das guerras liberais na Terceira (“A Terceira durante a Regência,” in *Sob os Signos de agora*, 1932), às manobras bélicas do Alferes Porem (seu antepassado real...), que fez mergulhar no universo ficcional do conto “Os Malhados” (*O Mistério do Paço do Milhafre*, 1949). Não foi por acaso que escolheu focar Herculano na sua tese de Doutoramento, depois de chegar a ter pensado estudar o Liberalismo na emigração. Herculano estivera no *rochedo*, talvez até o avô se tivesse cruzado com ele; Garrett também vivera a infância na Terceira e à ilha as guerras o fizeram voltar... O Liberalismo permitia-lhe falar dos factos da Terceira e a ela voltar por via do saber académico... A sua última conferência na Terceira foi no centenário da morte de Herculano, proferida numa chuvosa noite de Fevereiro, evocando sem papel, com enorme vivacidade, o “Solitário de Vale de Lobos...” Desse improvisado só nada se conserva porque a bobine foi desgravada na manhã seguinte, depois de usada para a reportagem matinal ... *Verba volant!*

Entretanto, desafiado por David Mourão Ferreira (de quem dizia que sabia mais de Nemésio que Nemésio!), lá foi compondo as suas notas biográficas, como se a sua autobiografia não estivesse a impregnar toda a obra do autor do *Jornal de Vitorino Nemésio* (subtítulo para as *Crónicas*, mas extensível a quase toda a obra!).

A própria ficção inacabada o traz de novo a personagens demasiado

próximas, carnal e socialmente. Assim *O Cárcere*, datado de 1977 (1º cap., in *Diário de Notícias*, 30 Março 1978), assim o conto “O mudo falou” [1977?], assim a flagrante realidade dada na “chave dos nomes das personagens do meu romance *Confissões* (Avô Severino Vitorino José da Silva; Matesinho: meu pai; Primo Eduíno: Primo Higino [Higino Borges de Menezes]).”⁸

N’*O Cárcere* escreve, a abrir: “Nunca cheguei a saber se o cárcere era de pedra ou era de gente. Talvez de pedra com gente dentro; talvez de gente feita de pedra.” Em “O mudo falou” começa: “Quando vínhamos da cidade, naquelas tardes de borralho ilhéu em que tudo está morto...”⁹

Ficção e crónica estão carregadas de emergências ou irrupções líricas. No *Corsário* é notável o “Encontro de Angra” (7 Novembro 1947), carregado de “saturação no regresso e no amor que não há lágrimas vivas que sejam dignas de nós!”¹⁰ O reencontro, a comoção; o afastamento, a sublimação, agora o percorrer as ruas e observar as fachadas sem a vida de outrora: a vida nos gestos, nas imagens da memória, a vida nas suas manifestações—Nemésio “revisita” a sua Ilha, e é confrontado não com a vida, mas com a morte das coisas de outrora, isto é, *com a Morte*, ideia sempre latente na sua obra e em especial na sua poesia.

Numa “Crónica Semanal” de 26 de Outubro de 1945, a propósito de um sismo ocorrido na Terceira no dia anterior, diz: “O próprio longo exílio nos faz a terra longínqua, como uma espécie de outro mundo.” Estas saudades da terra, que esfumam nostálgicamente as imagens após algum tempo, têm em Nemésio um carácter mais forte, de plasma inicial, genético, mitificador, verbalmente fluindo sem respeito pelos géneros literários convencionais, impregnando toda a escrita de uma força, de um *pathos*, que, não deixando de pungir, é como um sal da vida. Talvez a melhor metáfora seja a que usou para se explicar: *plâncton mnésico*. “Da baixa infância tudo fundo e confundo numa espécie de plâncton mnésico (por alguma razão trocadilhavam com o meu nome e distração: mas eu só sou distraído das camadas grossas do convívio).”¹¹

Ou ainda: “Nunca mais acabava. Eu digo—escreve a 06 de Outubro de 1973—as pessoas e as coisas, muitas das situações: porque a teia precisa do que vivi e me enformou é claro que me escapa, tão íntima se tornou comigo e se disfarçou nos diferentes estratos da minha personalidade.” Uma personalidade que “se constrói” e “se ergue” com as coisas do coração disciplinadas pela razão discursiva do erudito e do académico, mas principalmente com uma poesia inovadora que, embora fazendo das palavras joguetes de uma experiência linguística de alcance metalinguístico, filosófico

e religioso, não deixa de fazer regressar o homem Nemésio à condição de viajante existencial sentimentalmente saudoso da sua Ilha—ou melhor, de uma ilha experiência, domínio de um singular afectivo e de uma medida do mundo.

“Sou ilhéu e portanto embarcado,” confessa no *Corsário*, livro de crónicas onde também dissera que a tartaruga puxa sempre para o mar ... E puxa também para a terra, essa terra da qual se confessa ter saudades, pois ao homem é normal ter saudades *do que foi e onde o foi*... Assim se assume nessas crónicas não só descritivas mas também introspectivas, páginas de viagens *exterores e interiores*, escritas com a pungente consciência de filho pródigo, experimentando um misto de remorso e de estranheza, pois nessa “revisita,” passados anos, “o alheio e o estranho é ele...” Como o emigrante, quando em visita a “uns Açores distanciados, que já nem bem são os seus.”¹² Para quem não conheça os Açores, esse extraordinário livro de viagens é muito mais do que um livro de viagens: é um documento da paisagem física, da paisagem humana (geografia humana das ilhas na 1ª pessoa...) e uma “viagem” ao passado e ao mudo interior do escritor. Tudo feito com pudor e tão discretamente que os contornos convencionais do género se diluem para ficar uma forte presença do homem culto e viajado que recorda o seu passado e o passado das suas ilhas.

Na sua trajectória da infância na Praia, da adolescência em Angra e na Horta, da vida de Coimbra e de Lisboa, das suas sete partidas pela Europa de Montpellier e Bruxelas, das idas e permanências no Brasil, dos seus “cursos” aos Açores, à Madeira e às Canárias, viajante de transatlântico ou de avião, longe ou “ao pé da porta,” Nemésio deixa-nos uma lição particular: a do homem que transporta a sua ilha, como disse Ortega y Gasset, mas que a leva consigo como “medida de todas as coisas.” E esta “ilha medida de todas as coisas” não é um pretexto para temas e livros, nem uma oportunidade de intenção regionalista, nem uma evocação para impressionar os conterrâneos; é uma medida para aferir toda a humanidade pela sua, é um eixo do cosmos que passa no seu mundo matricial, é uma viagem por saberes, poéticas, mundos de realidade e ficção, entre criaturas meio sonhadas e meio convidadas, tão ficcionais ou tão reais como Margarida Dulmo, tão sujeitas a sonhar o seu nunca realizado regresso como o próprio poeta que, segundo a lição da quadra de *Festa Redonda*, “te[m] o navio no peito / Quando o quer[] sempre o ach[a].”¹³

Notas

¹ “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita,” *Revista de Portugal* (1939); *Conhecimento de Poesia* (Bahia: 1958). Escreveu mais tarde: “Concordo que uma amostra radiofónica da poesia açoriana, mesmo escolhida por mim, deve incluir o meu nome. E isto não só porque me sinto poeta, mas porque a única coisa que sou sem a mínima dúvida, é um poeta dos Açores. Nas nossas ilhas há certamente outros escritores de versos, dignos de serem ouvidos, mas parece-me que nenhum procurou mais do que eu fazer dos Açores e do mar o motivo da sua obra. Nem Roberto de Mesquita, que considero o maior poeta do mormaço e da solidão.” (Cfr. Doc. Sl. Sd. Espólio E 11, cx. 58).

² Segundo a versão de 1924 e publicado no citado livro em 1938. Na 1ª versão (*Triptico* 2.1 [1924]): “Rocha brava, se a quis fingi de Deus: / Nas estrelas afeci os dedos meus / E foi no peito que talhei a frágua.”

³ “O Canário de Oiro,” *O Bicho Harmonioso* (1938).

⁴ “Matéria Orgânica a distância astronómica,” *Limite de Idade* (1972).

⁵ “Ovo,” *Nem toda a noite a vida* (1953).

⁶ “Sobre *Mau Tempo no Canal*,” *Críticas sobre Vitorino Nemésio* (Lisboa: Bertrand, 1974).

⁷ Entrevista de primeira página ao *Correio dos Açores*. Ponta Delgada, 27 de Agosto de 1944, com o título “Uma hora de intimidade com Vitorino Nemésio..., o romance *Mau Tempo no Canal* criticado pelo seu autor...”

⁸ Cfr. Espólio — E 11, Biblioteca Nacional.

⁹ O “solar dos mudos” existe realmente (vila de S. Sebastião, Terceira).

¹⁰ A versão original deste capítulo do *Corsário* é uma crónica do *Diário Popular* intitulada “Roteiro das Ilhas — Angra melancólica” (7 Novembro 1946). Nemésio estivera ausente muito tempo, comove-se com este primeiro “corso,” que o faz sentir como filho pródigo...

¹¹ “Notas Autobiográficas”—datado de S. Pedro de Moel, 10 Agosto 1971.

¹² “Açores: De onde sopram os ventos,” *Açores. Actualidade e destinos* (Angra do Heroísmo: Edições Atlântida, 1975) 38.

¹³ “Não subo ao Monte Brasil, / Não sou facheiro nem facho: / Tenho o navio no peito / Quando o quero sempre o acho.” *Festa Redonda* (Lisboa: Bertrand, 1950) 19.

Bibliografia Essencial

Nos anos 70, a bibliografia sobre Nemésio começou a notar-se com mais evidência. Aquando da recepção do Prémio Montaigne, em 1974, a Editora Bertrand fez publicar uma colectânea sobre Nemésio (*Críticas sobre V. N.*, que incluem também a sua magistral “Última lição,” publicada pela primeira vez na *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971). Na celebração dos dez anos da morte do escritor, a fundação do SIEN—Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, Universidade dos Açores, os Congressos de Ponta Delgada (1998, *Nemésio—Vinte anos depois*), da Bahia (2000) e da Faculdade de Letras de Lisboa (2001, *Nemésio, Nemésios—Um Saber Plural*)— todos no âmbito dos três pólos do SIEN (Açores, Lisboa, Brasil) produziram Actas que recolhem fundamental bibliografia sobre os vários aspectos da obra de Nemésio. Teses de Mestrado e de Doutoramento também consagram a análise crítica universitária sobre o escritor.

Para reduzir ao essencial sobre Nemésio, optámos por escolher dez referências consideradas fundamentais, tendo em conta que algumas delas são obras colectivas, como compilações ou actas, que, assim, abrem a porta para muitos artigos e estudos.

A.A.V.V. *Vitorino Nemésio—Vinte Anos Depois*. Lisboa: Edições Cosmos e SIEN, 1998.

A.A.V.V. *Nemésio, Nemésios—Um Saber Plural*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

Garcia, José Martins. *Vitorino Nemésio – à luz do Verbo*. Lisboa: Vega, 1988.

Gouveia, Maria Margarida Maia. *Vitorino Nemésio—Estudo e Antologia*. Lisboa: ICALP, 1987.

Mourão-Ferreira, David. *O Essencial sobre Vitorino Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Pires, António M. B. Machado. *Vitorino Nemésio Rouxinol e Mocho*. Ed. Câmara Municipal da Praia da Vitória. 1998.

Silva, Heraldo Gregório da. *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio: realidade, poesia e mito*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / SREC, 1985.

Revistas que consagraram números comemorativos a Vitorino Nemésio:

Revista Atlântida XLVI (2001).

Revista Insulana (1994).

António M. B. Machado Pires. Nascido em 1942 na ilha Terceira (Açores). Licenciado pela Universidade de Lisboa, onde foi Assistente de Vitorino Nemésio, Jacinto Prado Coelho e Lindley Cintra, leccionando Cultura Portuguesa Literatura Portuguesa. Chamado para integrar a recém criada Universidade dos Açores, doutorou-se em 1979, veio a ser Vice-Reitor e depois Reitor desta universidade insular durante cerca de treze anos, procedendo à sua instalação oficial definitiva. Aí tem leccionado Literatura Portuguesa e principalmente Cultura Portuguesa, também num Mestrado que criou em 1995, em Cultura Literatura Portuguesas. Tem dirigido teses de Mestrado e Doutoramento. Tem-se ocupado do século XIX e XX, em especial pela Geração de 70 (Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, teoria do Realismo e do Naturalismo, fim de século, Raul Brandão, Vitorino Nemésio e Sebastianismo). Principais publicações: *D. Sebastião e o Encoberto*. Estudo e Antologia, Lisboa, Gulbenkian, 1971 e 1981; *O Século XIX em Portugal. Cronologia e Quadro de Gerações*, Lisboa, Bertrand, 1975; *A Ideia de Decadência na Geração de 70* (Tese de Doutoramento), P. Delgada, 1980 e Lisboa, Vega, 1992; *Linguagem, Linguagens e Ensino*, P. Delgada, 1981; *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988; *Universidade, Tecnologia e Humanismo*, P. Delgada, 1995; *Vitorino Nemésio, Rouxinol e Mocho*, Praia Da Vitória, 1998; Raul Brandão, “O essencial,” Lisboa, Imprensa Nacional, 1999. É membro do Conselho Editorial da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, dirigindo também as Obras Completas de Vitorino Nemésio (daquela Instituição), prefaciando vários volumes. Tem muitas colaborações em revistas e participações em Congressos (nomeadamente sobre Nemésio e sobre Eça de Queirós). É fundador e presidente do S I E N - Seminário Internacional de Estudos Nemesianos (Universidade dos Açores). Membros de vários Institutos açorianos e brasileiros. Esteve também na fundação da Revista Arquipélago. Email: ampirez@notes.uac.pt